

Lixeira municipal da Praia é palco de electrocussão de cães

■ Jason Fortes

A nova estratégia adoptada pela CMP, no seu combate aos cães vadios, é a electrocussão dos mesmos. O palco desta prática é a lixeira municipal, no Palmarejo Grande, onde existe um canil para os animais sem dono. O local encontra-se munido de uma jaula vedada, uma pequena caixa de metal no seu interior, ligada a um utensílio vulgarmente conhecido como “alicate de mama”. É por esta via que os animais recebem a mortal descarga eléctrica (ver imagens).

Solução final

Entretanto, tal solução não caiu bem no seio das pessoas que procuram o seu sustento na referida lixeira. Várias são as vozes que se fazem ouvir contra tal procedimento durante a deslocação da nossa reportagem ao local para verificar, in loco, se a denúncia era verdadeira ou não. Uma dessas vozes confidenciou-nos que não só sente que a electrocussão é uma forma muito “macabra” para a CMP se livrar de cães vadios, como teme pela saúde dele e das outras pessoas que trabalham naquele espaço.

Um dos motivos que levou esse anónimo a denunciar o caso junto deste jornal prende-se, sobretudo, com a forma como os responsáveis pelo acto procedem após a electrocussão dos cães. “Quando matam os cães, transportam os corpos para valas comuns e deixam-nos, vários dias, sem os enterar”, diz a fonte. Com isso, em

» A Câmara Municipal da Praia (CMP) tem usado um espaço na lixeira municipal do Palmarejo Grande para executar cães vadios através de choque eléctrico. Contactados, os serviços responsáveis pelo local começaram por negar a informação mas, passo seguinte, acabaram por deixar escapar que está a recorrer a essa via por falta de estricnina no mercado.



Madueno Cardoso, da Associação Bons Amigos (Cidade da Praia)

pouco tempo, o cheiro nauseabundo que normalmente paira na lixeira torna-se ainda mais insuportável para quem trabalha ou frequenta o local.

Apesar de só agora se ter tornada pública, a electrocussão, como método de eliminação, nem sequer é nova, segundo fomos informados também no local. “Algum tempo atrás a Câmara tinha a mesma forma de actuação com os cães, suspendeu-a, mas agora retomou-a”, diz o cidadão que nos procurou. Mas há mais.

“Uma vez que o destino dos animais é a morte, tornou-se habitual os executantes abandonarem os animais na jaula durante dias sem comida ou água”, suscitando o canibalismo entre os mesmos. Isto é, “os cães mais fortes devoram, simplesmente, os mais fracos”.

Bons Amigos sabe... mas está impotente

A NAÇÃO sabe que a Associação Bons Amigos tem conhecimento da electrocussão



de animais no canil municipal, pois, várias foram as denúncias que já chegaram até ela, mas, como não tinha como as provar, nunca pôde agir em consequência.

Conforme nos explicou o seu responsável técnico, Madueno Cardoso, um dos motivos por detrás da falta de apuração, por parte da Bons Amigos, é que quando elementos seus tentaram aceder à lixeira foram barrados à entrada, por elementos da CMP.

Outrossim, admite aquela

fonte, a Bons Amigos encontra-se em negociações com a CMP, no sentido de encontrar uma melhor solução para o problema de cães vadios na cidade da Praia, um mal que afecta toda a gente. “Nós defendemos a castração como método. Com um bom programa poderemos resolver em grande parte o problema da reprodução desencontrada de cães, sem recorrer a métodos violentos e bárbaros, que só ficam mal a quem os pratica”, conclui.



Caixa metálica usada para electrocutar os cães



Alicate usado para electrocutar os caninos



Cães mortos em vala (comum) aberta

CMP nega choques eléctricos e denuncia-se

A directora do Ambiente e Saneamento da Câmara Municipal da Praia (CMP), Dulcelina Costa, nega a electrocussão de cães vadios na lixeira do Palmar Grande, apesar de reconhecer a existência dessa prática. Questionada sobre quem faz a electrocussão, aquela responsável deixou a nossa pergunta sem resposta, apesar da nossa insistência.

Segundo ela, em situações do género, “a Organização Mundial para a Saúde Animal (OIE) prevê vários métodos de eutanásia, desde o uso de químicos injectáveis a gases vários, passando por técnicas mecânicas como o tiro e o uso de electricidade”, ou seja, a electrocussão.

Dulcelina Costa faz saber que a electrocussão começou, na Cidade da Praia, há pouco tempo, devido ao esgotamento no mercado do composto químico estricnina.

A estricnina foi muito usada no passado como

pesticida, principalmente para matar ratos. Porém, devido à sua alta toxicidade, não só em ratos, como em vários animais e também no homem, o seu uso é hoje proibido em muitos países, inclusive Cabo Verde.

Já relativamente ao facto de os corpos dos cães permanecerem vários dias em valas (comuns) descobertas, Dulcelina Costa esclarece que a ordem é para “esse processo” ser executado “no mais curto espaço de tempo”, e que, nisso, normalmente, “utiliza-se uma máquina retroescavadora, que é deslocada da Cidade, mas nem sempre chega ao local no imediato, por razões operacionais”.

Perante as reclamações, e questionada se a CMP pretende ou não mudar o seu modo de actuação no que toca ao extermínio de cães vadios, a mesma salienta que “a Câmara Municipal da Praia cumpre a lei e vai continuar a recolher os cães vadios e aban-

donados, procedendo, com certeza, à sua ‘ocisão’, caso não haja a sua adopção por parte de interessados”. Na sua óptica, uma outra opção possível é os defensores de animais adoptarem os mesmos, integrando-os dentro das próprias residências.

Relativamente à restrição do acesso de membros da Associação Bons Amigos ao interior da Lixeira, Dulcelina Costa esclarece que a ordem não se destina exclusivamente aos referidos elementos, mas a todas as pessoas que não estejam devidamente autorizadas, já que podem colocar em risco o normal andamento dos trabalhos no canil municipal.

“Ademais, não nos parece correcto transformar as associações em agentes de fiscalização dos serviços técnicos municipais”, advoga Dulcelina Costa, ressalvando, contudo, a necessidade de uma “relação de parceria”, e não de “competição”, entre a CMP e a Associação Bons Amigos. JF

BAÍA DAS GATAS (SÃO VICENTE)

População canina aumenta mais de 100%

» Ao contrário da diminuição geral registada no censo da Associação Si Ma Bô, realizado agora, em 2016, na Baía das Gatas, a população canina aumentou em mais de cem por cento (%). Um problema que a presidente da Associação, Sílvia Punzo, aponta como resultado da falta de colaboração dos moradores e que pode trazer vários problemas para aquela zona turística de São Vicente.

■ Leticia Neves

O censo “Luta contra os animais vadios na ilha de São Vicente – Projecto-piloto para o arquipélago de Cabo Verde” fora realizado nas primeiras semanas de Janeiro deste ano, pela Associação de Protecção dos Animais e do Ambiente, Si Ma Bô, em parceria com especialistas da Universidade de Turim, Itália, sendo financiado pela União Europeia.

De acordo com o estudo, a população canina que em 2012 era de quase 12 mil (11 mil 838) passou para quase nove mil (oito mil 821) agora em 2016. Uma tendência de diminuição registada na maioria das 12 áreas analisadas, cinco rurais e sete urbanas, mas que se mostrou totalmente o contrário na Baía das Gatas, zona essa onde o número de cães vadios aumentou de forma exponencial em mais de 100 por cento (116,1%).

Um “grande” problema com que se depara agora a Si Ma Bô e a própria sociedade sanvicentina e que a presidente dessa associação atribui as culpas à falta de zelo dos moradores. “Acontece que Baía das Gatas é uma zona de moradia, mas mais para os fins-de-semana e, nesses dias, as pessoas não estão nem um pouco interessadas em tratar de assuntos de cães. Nos outros dias úteis fica tudo vazio e os guardas, às vezes, não têm autorização para



Sílvia Punzo,
presidente da Si
Ma Bô

nos abrir as portas ou simplesmente não se importam”, explica Sílvia Punzo.

Segundo essa responsável, apesar do turismo, tem sido praticamente “impossível” na Baía levar adiante a castração que vem sendo feita pela Si Ma Bô, desde 2008, em São Vicente. “As pessoas reclamam mas mesmo assim não colaboram. Depois, se o número aumentar ainda mais, a Câmara pode ser obrigada a tomar uma atitude que não é mais indicada, como a eutanásia”, adianta Sílvia Punzo cuja associação estuda a possibilidade de fazer as esterilizações dos cães mesmo que à força.

Abrigo cheio

No entanto, na senda de proteger os animais e o ambiente, a Si Ma Bô depara-se com um outro constrangimento, que é o de ter o canil cheio, com mais

de noventa cães. Mas, como explica Sílvia Punzo, nem tanto por não haver interessados, mas por falta de responsabilidade que têm notado depois de findo o processo de adopção. “Mais de 50 por cento dos cães adoptados já estão mortos ou atropelados, então para quê dar. Parece que, no fim, todo o nosso trabalho de cuidar, tratar, e outros, fica em vão”, desabafa.

O cenário de superlotação do canil complica ainda mais a vida da Si Ma Bô, devido à falta de espaço para esse fim. Tanto que, neste momento, a associação ocupa os espaços da antiga Confecções Clothing, no Lazareto, que estava a ser vandalizado. “Estamos ali a cuidar do espaço e fomos nomeados pelas autoridades como fiel depositários, embora nada documentado oficialmente. Vamos aguardando até que o dono apareça ou até que o processo

judiciário termine”.

Contudo, esse abrigo afastado da cidade pesa um pouco sobre as finanças da associação, tendo em conta o gasto de combustíveis. Por outro lado, as instalações precisam de alguns ajustamentos, como a construção de uma cerca para permitir que os animais possam estar um pouco ao ar livre.

Expandir para outras ilhas

Mesmo assim, “com a cara e coragem”, a Si Ma Bô persiste no seu objectivo de alargar o processo de castração de cães e gatos, mesmo sem o apoio da União Europeia, ajuda essa que seria válida até Janeiro último. Passa a contar a partir de agora apenas com a colaboração dos sócios e ainda da parceira, a Si Ma Bô em Itália, criada para recolher donativos que depois são enviados para a congénere

em São Vicente. No entender de Sílvia, apesar das dificuldades, vai-se conseguir aumentar o score conseguido até agora, 53 por cento dos cães da ilha do Monte Cara já castrados e identificados com chips.

Esse método, que permite ao mesmo tempo controlar a população canina, mas também impedir que animais identificados e com dono sejam sacrificados no canil municipal. Aliás, esse último ponto faz parte do acordo de cooperação assinado, há poucos dias, com a edilidade sanvicentina que também se prontificou em disponibilizar espaços para castrações que são feitas fora.

Entretanto, neste momento, a Si Ma Bô já estuda a possibilidade de cooperação com outras câmaras do país e assim expandir o programa de controlo de cães vadios, com métodos mais suaves e humanos, para outras ilhas.